

# ENTREVISTA

COMÉDIA

## MUITO ALÉM DO CHICO LOROTA

Humorista Roberto Edson inicia turnê de celebração aos seus 30 anos de carreira neste fim de semana em Ribeirão Preto

EDUARDO SCHIAVONI

Prestes a completar 30 anos de estrada – o que ocorre em maio – o comediante Roberto Edson inicia, neste sábado, 20h, no Teatro Santarosa, em Ribeirão, a turnê de comemoração à sua trajetória no humor. Já com ingressos esgotados, o show “É TUDO COMÉDIA” tem a apresentação de stand-up do humorista e também a interpretação do carismático caipira Chico Lorota, seu personagem mais conhecido. **“Ele é uma marca registrada, e eu quero explorar essa marca até a última gota de sangue. Ou melhor, nesse caso, de suor”, ressaltou, acrescentando, ainda, que a apresentação não se restringe ao personagem. “Dentro do humor, não entrego apenas o Chico Lorota, que é o meu principal personagem, mas também Roberto Edson, que faz stand-up há 30 anos”.**

Nascido em Ribeirão e casado com Erica Pupin – que também faz as vezes de produtora, empresária e voz da consciência do comediante –, é pai de Laís e Helena. Botafoguense fanático – o que compartilha, obviamente, com o autor da matéria – Roberto Edson concedeu entrevista exclusiva ao Jornal Ribeirão. Falou sobre os 30 anos de carreira, o cenário da comédia em Ribeirão e as dificuldades do setor durante e após a pandemia. Confira a íntegra da entrevista.

**Por anos, você esteve presente na EPTV, no Caminhos da Roça, interpretando o Chico Lorota. Ainda é seu principal personagem? Existe vida fora dele?**

As pessoas que ainda associam Chico Lorota ao programa Caminhos da Roça são, em sua maioria, as mais antigas, que assistiam ao programa, e quem lida

com o agronegócio. Hoje em dia, o Chico Lorota já se desvinculou um pouco da EPTV. Os textos que ele apresenta no teatro e nas convenções são totalmente diferentes dos textos de televisão. Fui aos poucos cortando esse cordão umbilical.

Apresento sempre novas facetas, e o Chico Lorota se adapta a qualquer necessidade. Ele vai para uma empresa, vai para um teatro sabendo qual público está atingindo e consegue se ajustar. Dentro do humor, não entrego apenas o Chico Lorota, que é o meu principal personagem, mas também Roberto Edson, que faz stand-up há 30 anos.

As pessoas mais antigas, até porque já estou com uma certa idade, ainda associam o Chico à EPTV, mas estamos trabalhando em outras vertentes de humor, fazendo intervenções humorísticas e desenvolvendo vários trabalhos do Roberto Edson.

Tenho outros personagens, como o “Socialmente”, um bêbado que utilizo mais em palestras corporativas, mas o Chico Lorota é, sem dúvida, o mais conhecido. Ele é uma marca registrada, e eu quero explorar essa marca até a última gota de suor, ou melhor, dizendo.

**Por sinal, em 2025 você completa 30 anos. Como será a comemoração?**

Iniciei a turnê pelos meus 30 anos de comédia, que completo em maio. Neste fim de semana, teremos o primeiro evento de comemoração no Teatro Santarosa, mas será um ano todo de celebração.

Além dos eventos corporativos e shows, também teremos as lives, onde continuo apresentando materiais como forma de divulgação do nosso trabalho. De vez em quando, é preciso ativar a plataforma, utilizar as ferramentas que ela oferece para engajar o público nas redes sociais. Com o fim da pandemia, as lives continu-

am, não mais como forma de remuneração, mas como uma maneira de manter o engajamento.

Falando em pandemia, o setor da cultura, assim como o de eventos em geral, passou por momentos difíceis...

Foi realmente uma situação bem difícil para todos nós. Eu já havia passado por um momento complicado na minha carreira em 2015, durante o governo Dilma, quando o setor do agro, em que eu mais atuo, foi diretamente impactado. Quando chegou a pandemia, minha agenda estava cheia, e tudo foi interrompido.

Como já tinha enfrentado dificuldades em 2015, sabia que precisava agir rapidamente, então parti para as lives. Fomos um dos primeiros de Ribeirão Preto a fazer uma live, inclusive dando consultoria para outros artistas sobre como arrecadar dinheiro.

Foram momentos difíceis, mas não acabou com a pandemia. O ano de 2024, por exemplo, foi de incertezas. Muitas vezes não sabíamos como o ano ia terminar. Para 2025, a expectativa ainda é um pouco problemática no setor corporativo; caiu muito o número de shows em lançamentos de feiras, por exemplo. O setor está se readequando.

**O momento atual, de certa patrulha, foi a causa da diminuição dos eventos?**

Eu faço muito humor corporativo, ou seja, abdiquei da minha fama para sustentar minha família, pagar o condomínio, as contas, a comida, enfim, as despesas que

todos nós temos. Mas existem problemas, claro. Hoje, por exemplo, as empresas têm um pouco mais de receio em contratar comediantes, pois vivemos em um mundo onde nada pode ser dito. Mesmo com pouco, algumas pessoas procuram um “pelo em ovo” ou estão esperando o “pelo na mão” para colar no ovo. São tempos difíceis para a comédia, mas seguimos lutando.

**Ao mesmo tempo, tem uma geração que usa o palavrão e a ofensa como mote para fazer comédia. Não parece contraditório?**

São públicos diferentes. O público aberto e o de internet, que é basicamente uma bolha, e o corporativo, onde eu tenho atuado muito. Existe uma comediante, por exemplo, que se fez usando palavrões. Ela ganha muitos seguidores com piadas escrachadas. Três dos roteiristas dela são meus amigos pessoais e me contaram que, quando ela faz piadas sem palavrão, o engajamento cai.

Estamos lidando com uma questão sócio-cultural que o país vive, com inversões de valores. No meu caso, meu público é de uma outra faixa etária, mais próxima da minha, e isso já traz uma diferença.

Hoje, com o tempo de estrada que tenho, é muito mais fácil, pois sei o público que estou atingindo. Quando entro em um estabelecimento, posso contar piadas sem palavrão. Há plateia para todos os estilos, e o importante é levar ao público aquilo que ele espera ouvir. E está tudo certo.

**As pessoas às vezes encontram dificuldade em separar o Roberto Edson pessoa física do comediante. Como lidar com essa questão?**

É totalmente natural. As pessoas associam o comediante ao humor, assim como associam o médico à saúde. Quando veem um médico, já falam sobre doenças. Existem coisas que estão no pacote. Piada aqui em casa é coisa séria, entendeu? Eu escolhi essa profissão para mim, e, por isso, é algo que a gente tem que aceitar.

Às vezes, nos deparamos com situações em que não queremos fazer graça. Eu perdi minha avó numa segunda-feira, e na terça e quarta eu estava fazendo show. Perdi minha mãe no dia 23 de fevereiro de 2022. Sepultei minha mãe no dia 24 e, no dia 28, estava fazendo show para hóspedes. E isso é algo que lidamos naturalmente, porque está no nosso sangue.

O problema é que algumas pessoas, que eu chamo de “sem noção”, acham que você tem que estar pronto para fazê-las rir 24 horas por dia, e não é assim. O humor depende da presença de espírito. Não estamos sempre de bom humor, porque somos seres humanos e temos problemas, assim como todas as pessoas. Não somos melhores que ninguém.

Com o tempo, vamos perdendo a paciência. Eu, Roberto, perco a paciência com as pessoas sem noção que tiram fotos e acham que são seus amigos, que ficam te aporrinhando a noite inteira, especialmente se estão

